

# Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

## Estudo 11 – Cuidados necessários no viver cristão

### Mateus 7. 1-6

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes  
[anasuman@pibrj.org.br](mailto:anasuman@pibrj.org.br)

Chegamos ao capítulo 7 de Mateus, que tem sido considerado por alguns como uma espécie de colcha de retalhos, onde os assuntos não parecem observar qualquer correspondência. Há quem entenda, inclusive, que o capítulo demonstra que o Sermão da Montanha foi uma coletânea de ditos de Jesus realizada por Mateus e não especificamente um sermão pelo Mestre proferido. John Stott discorda deste posicionamento e enxerga, no capítulo 7, uma unidade em torno de um só tema, a saber “relacionamentos”.

Para nos ajudar na compreensão deste estudo e dos demais que faremos até a conclusão da série, vamos nos aproximar da rede de relacionamentos para os quais os discípulos de Jesus são atraídos e que foi identificada por Stott:

1. com o nosso irmão, em cujo olho percebemos um arqueiro e a quem temos a responsabilidade de ajudar e de não julgar (v. 1-5);
2. com um grupo designado de “cães” e “porcos”. São pessoas, é verdade, mas sua natureza animal é de tal espécie que somos instruídos a não partilhar o evangelho de Deus com elas (v.6);
3. com o nosso Pai Celeste, do qual nos aproximamos em oração, confiantes de que Ele não nos dará nada menos que boas coisas (vv. 7-11);
4. com todos de maneira generalizada: a Regra Áurea deveria orientar a nossa atitude e o nosso comportamento para com eles (v.12);

5. com os nossos companheiros de viagem nesta peregrinação pelo caminho estreito (vv 13-14);
6. com os falsos profetas, que temos de reconhecer e dos quais devemos nos acautelar (vv. 15-20) e
7. com Jesus, cujos ensinamentos temos de ouvir e obedecer. (vv 21-27).

Tendo esta classificação em mente, neste estudo vamos nos ocupar apenas dos seis primeiros versículos, que incluem o problema do julgamento e das pessoas para as quais não devemos apresentar as coisas santas.

À primeira leitura do texto, percebemos que saltam aos nossos olhos três verdades. São elas: o seguidor de Jesus não deve ser juiz (vv 1 e 2); não deve ser hipócrita (vv 3 e 4) e deve ser antes de tudo um irmão (v.5).

Iniciemos com a questão do julgamento: este ensinamento de Jesus não diz respeito aos julgamentos legais, amparados que são pela Bíblia, mas às críticas que fazemos desordenadamente que discriminam outros e ignoram a orientação para o amor. O comentário Broadman entende que fazer julgamentos é função da mente, mas a expressão deles pode ser controlada. Jesus aqui nos adverte a termos cuidado com críticas que condenam severamente e sem discernimento pessoas. A seguir, sinalizou para o grave problema da hipocrisia, descrita por ele como a trave ou tábuas presente nos olhos de quem critica, maior que o argueiro ou cisco do olho do criticado. Jesus não está dizendo, avisa Brodman, que

precisamos negar o argueiro no olho do nosso irmão, porque é nossa obrigação tentar libertá-lo do cisco que o atrapalha de viver plenamente o evangelho. Mas o problema é que o cisco deve ser apontado apenas depois de tirarmos a trave do olho. A questão, então, não é a trave e nem o argueiro, pois ambos precisam ser removidos, mas sim a eliminação da hipocrisia em nossos relacionamentos. O terceiro ponto nos lembra que aquele que foi alvo da nossa crítica é também nosso irmão.

Caminhando um pouco mais no entendimento da passagem, mais uma vez vamos nos valer dos estudos do Dr. Martyn Lloyd-Jones. Para ele, se Jesus tivesse encerrado as palavras no v.5, poderíamos pensar – erradamente – que Jesus nos proibia de identificar atitudes que mereciam ser corrigidas e disciplinadas. Como consequência, não haveria qualquer disciplina na igreja local, desmascaramento de heresias e permitiríamos que equívocos transitassem livremente, como se fossem acertos, diz ele. Jesus queria, no entanto, que fôssemos capazes de reconhecer argueiros e traves e de **distinguir entre indivíduos e indivíduos.**

Assim, precisamos saber que existe certo tipo de indivíduo que, **no tocante à verdade**, poderia ser classificado como “cães” e “porcos”. Temos na própria vida de Jesus alguns exemplos. O ouvinte deve estar lembrado daqueles tristes momentos quando Jesus foi levado a julgamento, pouco antes da crucificação. Ali ele tratou diferentes pessoas com diferentes maneiras. Um exemplo clássico é o de Pilatos. Jesus respondeu às perguntas dele mas, quando pouco depois esteve com Herodes, não pronunciou qualquer palavra. Para tentar resumir a questão

sem incorrer em erro, observemos o seguinte, consoante o Dr. Lloyd-Jones:

1. Precisamos reconhecer os tipos e pessoas diferentes, para compreendê-las. (cfe. 1 Co 9,19-23.)
2. Além de distinguir, precisamos nos tornar eficientes quanto ao que convém oferecer a cada tipo de pessoa. Ninguém pode manusear um Pilatos e um Herodes da mesma maneira. Precisamos oferecer a coisa certa a cada tipo de pessoa.
3. Devemos ter o máximo cuidado quanto à maneira como apresentamos a verdade. Há pessoas para quem determinadas coisas são ofensivas, embora não o sejam para outras. É preciso ter cautela e não expor a verdade de tal modo que venha a tornar-se escândalo para determinadas pessoas. **Sempre devemos ter o cuidado para não dar motivo a quem quer que seja de blasfemar ou de amaldiçoar.** Jamais deveríamos ser causa de antagonismo.
4. Devemos aprender a reconhecer qual aspecto particular da verdade divina é apropriada para cada caso em particular. No caso de pessoas incrédulas, por exemplo, o único ponto a ser discutido é a questão da purificação pela fé.

É triste imaginar que a incredulidade pode levar um ser humano a perder a capacidade de ser considerado digno de receber a palavra da verdade. Daí um alerta para todos nós Este é o efeito do pecado: torna o ser humano incapaz de raciocinar como ser criado à imagem e semelhança de Deus e o faz gostar de permanecer na lama, na imundície.

Que o nosso Deus nos torne vitoriosos nos relacionamentos com os que nos cercam, para que haja testemunho e salvação de vidas.

### **Apoio bibliográfico:**

- ALLEN, Clifton J. O Comentário Broadman – Artigos Gerais Mateus-Marcos. vol.8. Rio de Janeiro: JUERP. 3ª. Ed. 1988
- CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus. 2002
- CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Candeia. 1995
- CHOURAQUI, André. Matyah – O Evangelho Segundo São Mateus. Rio de Janeiro: IMAGO. 1996
- DAVIDSON, F. editor. O Novo Comentário da Bíblia – vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- LLOYD-JONES, Martyn. Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos: Fiel. 1999
- STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos. 2008
- STERN, David. O Novo Testamento Judaico. São Paulo: Vida. 2007
- STOTT, John R.W. A Mensagem do Sermão do Monte. São Paulo:ABU-Editora. 1993
- TASKER, R.V.G. Mateus. Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão. 1988